

# ENTREVISTA // JOSÉ SARNEY

Presidente do Senado descarta nova candidatura de sua filha Roseana e prega a reeleição do governo do PT

RUDOLFO LAGO E  
SAMANTA SALLUM

DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), tem "73 anos de idade e 100 anos de política". Pelo menos é assim

que ele mesmo se define. É do alto dessa experiência que ele descarta completamente uma segunda chance para sua filha, a senadora Roseana Sarney (PFL-MA), na corrida presidencial. No ano passado, Roseana viu-se obrigada a renunciar quando tinha chances concretas de se eleger,

vítima de denúncias de uso de dinheiro ilegal na campanha. Na semana passada, a Justiça arquivou o processo que havia contra ela. Inocentada, era de se supor que recuperasse as chances eleitorais que já teve. "As oportunidades não ocorrem duas vezes na vida", ensina Sarney, que viu a

Presidência da República cair repentinamente no seu colo, com a morte de Tancredo Neves. Na primeira entrevista que dá após assumir a Presidência do Senado pela segunda vez, ao mesmo tempo em que descarta as chances de sua filha, Sarney lança o presidente Luiz Inácio Lula da Sil-

va à reeleição. E, com uma veemência surpreendente para quem conhece seu estilo normalmente discreto, defende apuração e punição rigorosa, com "tolerância zero", para aqueles que se envolveram, no Poder Judiciário, com o narcotráfico e o crime organizado.

## O primeiro eleitor de Lula em 2006

**CORREIO — O líder do governo, Aloizio Mercadante (PT-SP), propôs que o Senado se ocupe da reforma tributária e a Câmara, da previdenciária. O presidente da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP), opôs-se a isso, alegando que a proposta é inconstitucional. O que o senhor acha da ideia de Mercadante?**

SARNEY — Sou favorável. Se pudéssemos encontrar uma forma política na qual o Senado examinasse uma reforma e a Câmara outra, ganharíamos tempo. Com relação às reformas constitucionais, tem faltado, nos últimos anos, vontade política.

**CORREIO — Mas essa vontade política é compartilhada por setores do Congresso e da sociedade? Há reações da esquerda e do funcionalismo.**

SARNEY — Isso nem existia no passado. Agora, há uma vontade política. O presidente vai mandar as suas propostas. E há vontade política também na Câmara e no Senado. Se essas vontades políticas se conjugam, vamos enfrentar os problemas, que não são fáceis, porque mexem com interesses consolidados de toda natureza.

**CORREIO — O senhor, que já comandou o Executivo e o Legislativo, também acha que, neste início, o governo está batendo cabeça?**

SARNEY — Todo início de governo é complicado. Mas esses problemas, se aconteceram, não são em nível capaz de comprometer a atividade do governo. E as pesquisas mostram o governo com grande popularidade e aprovação pela forma como vem se constituindo nos seus primeiros dias.

**CORREIO — Essa cobrança por resultados concretos é, então, indevida?**

SARNEY — Acho que existe um cacete nacional de cobrar (risos).

**CORREIO — Senador, há alguma semelhança entre o comportamento dos radicais do PT e o que o senhor enfrentou dentro do PMDB, que provocou, na época, a criação do PSDB?**

SARNEY — O problema era absolutamente diferente. Nós não tínhamos um partido. Tínhamos uma confederação de partidos. Mas, mesmo assim, conseguimos uma coalizão que prestou um grande serviço ao país. Nós consolidamos a democracia. Tudo começou naquele momento em que nós criamos uma sociedade democrática. Graças a isso, temos hoje um trabalhador na Presidência.

**CORREIO — Na discussão sobre o ingresso do PMDB no governo, o senhor acha que a negociação teve sucesso por cargos ou indepe usso?**

SARNEY — É muito clara a posição do PMDB. Resolvemos dar um apoio político total. Mas resolvemos também que não vamos ocupar cargos. No fu-

turo, até poderemos vir a ter uma participação mais efetiva.

**CORREIO — Isso decorre de alguma insegurança do PMDB quanto às possibilidades de sucesso do governo Lula? Uma recente pesquisa realizada dentro do partido dava margem a essa leitura...**

SARNEY — Tenho alguma dúvida com relação a essa pesquisa. Eu, por exemplo, sou parlamentar do partido e não fui consultado. Dentro do Senado, muitos companheiros nossos disseram que também não foram consultados. O PMDB está atravessando um período difícil. O PMDB tem nitidamente três correntes. Uma corrente é aquela que apoiou decisivamente a candidatura José Serra, do PSDB. Mais da metade, embora não oficialmente, apoiou Lula. E há uma terceira corrente que não se envolveu nem de um lado nem de outro.

**CORREIO — Esse processo deixou algum tipo de mágoa no senhor? Afinal, parte da cúpula do partido esteve envolvida diretamente na campanha do candidato José Serra.**

SARNEY — Deus não me deu o sentimento de ódio. E eu não tenho mais saúde para ter mágoa.

**CORREIO — O fato de sua filha, a senadora Roseana, ter sido inocentada pela Justiça talvez a coloque novamente no páreo da sucessão do presidente Lula. Essa situação vai gerar um dilema para o senhor?**

SARNEY — Está cada vez mais claro que o que ocorreu foi uma armação política. O aparato de Estado mobilizou-se contra uma candidatura. Agora, quanto ao futuro, eu acho que as oportunidades não ocorrem duas vezes na vida. No momento, eu estou empenhado profundamente em que o governo do presidente Lula tenha grande êxito. Na verdade, eu creio é que todos nós estaremos juntos para apoiar a reeleição do presidente Lula.

**CORREIO — Com relação à Presidência do Senado, o que o senhor planeja para essa nova gestão?**

SARNEY — Tudo o que foi feito na minha primeira gestão, e que vou continuar agora, tinha por base uma visão de que o Poder Legislativo, se ele não se insere na sociedade, perde substância. Hoje, há uma interação em tempo real entre o parlamentar e a opinião pública. Existe agora a sociedade civil organizada. As ONGs. Instituições que incorporaram legitimidade. Dividem com o Parlamento a representação da sociedade.

**CORREIO — Estamos no meio de uma controversa guerra entre Estados Unidos e Iraque. Que consequências o senhor imagina para esse cenário?**

SARNEY — Essa é uma indagação feita em todo o mundo. O que acontecerá depois dessa guerra? Não apenas pela tragédia que sempre é uma

Acácio Pinheiro



“

NO MOMENTO, EU ESTOU EMPENHADO PROFUNDAMENTE EM QUE O GOVERNO DO PRESIDENTE LULA TENHA GRANDE ÊXITO. TODOS NÓS ESTAREMOS JUNTOS PARA APOIAR A SUA REELEIÇÃO

”

guerra. Mas pelo fato da destruição que a decisão do presidente George W. Bush provocou no sistema internacional, construído para assegurar a convivência entre as nações. Terminada essa guerra, vamos encontrar um terreno absolutamente arrasado, com a única coisa que é o caminho da força. Isso vai gerar uma demanda por armas nucleares. Estamos no início de uma corrida armamentista.

**CORREIO — E nós nesse contexto?**

SARNEY — O Brasil tem uma grande dependência externa. Um dos maiores problemas que o presidente Lula

herdou. Como será a política americana nessa fase de força? Qualquer problema de discussão com eles pode gerar uma desestabilização.

**CORREIO — Nesse sentido, há quem se preocupe com a defesa veemente que o presidente Lula vem fazendo da paz, condenando os Estados Unidos...**

SARNEY — O presidente não poderia fazer nada diferente do que condenar a guerra. Além disso, essa nova postura também vai gerar problemas grandes que os Estados Unidos terão de resolver. A verdade é que nós certamente vamos ficar meio esquecidos por aqui.

**CORREIO — O Poder Judiciário tem sido alvo talvez do mais forte questionamento da sua história. Como o senhor vê essas denúncias?**

SARNEY — Antes de analisar essas denúncias, temos de verificar o que levou a isso. Nós temos um fato que é novo no Brasil e que é muito grave. O crime organizado invadiu o aparato estatal. As polícias. O Judiciário. Foi o que aconteceu na Colômbia. Estamos começando a ver o início desse processo aqui. Com tolerância realmente zero. Não podemos permitir que isso prospere com quem quer que seja, em qualquer situação.